

FONDA LEE
CIDADE
DE
JADE

AMOSTRA

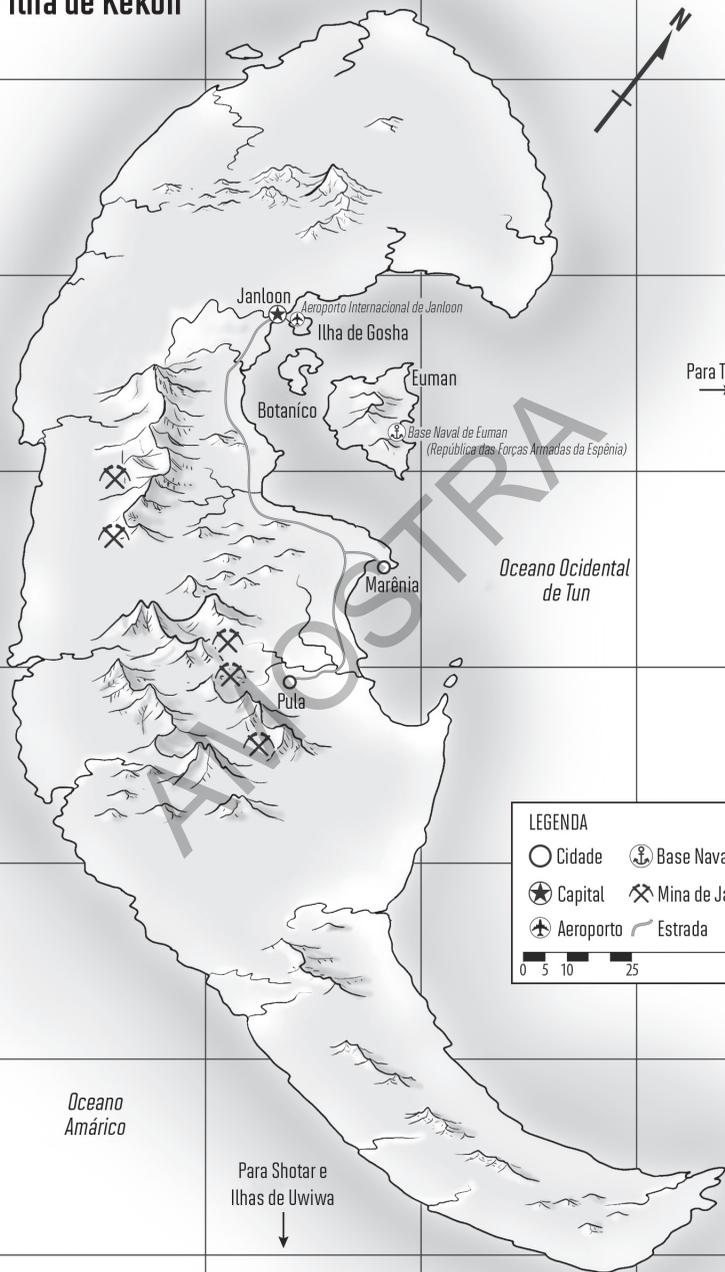
TRADUÇÃO DE JOÃO PEDROSO



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

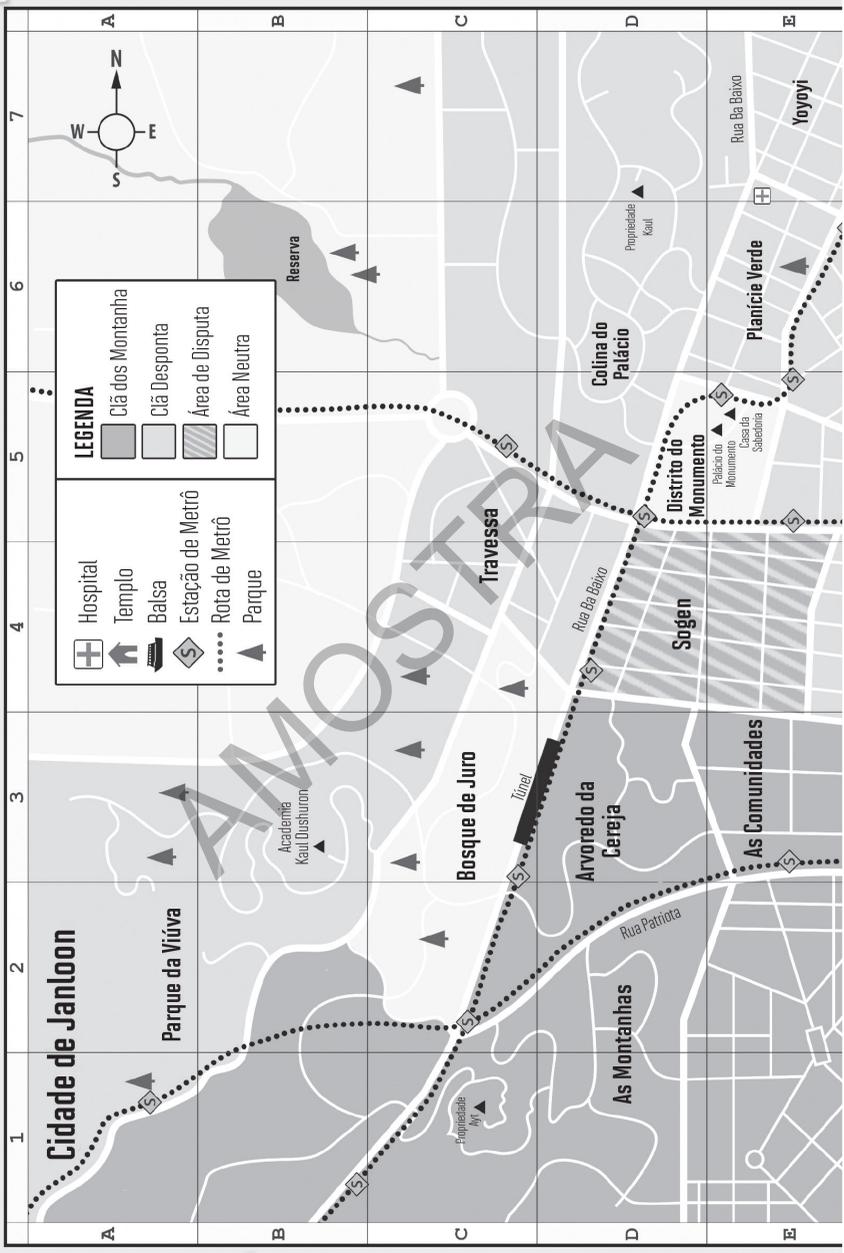
Ilha de Kekon



LEGENDA

- Cidade
- ⚓ Base Naval
- ★ Capital
- ⚒ Mina de Jade
- ✈ Aeroporto
- ↷ Estrada





Cidade de Janloon

Parque da Viúva

Academia Kaul/Dushuron

Bosque de Juro

As Montanhas

Anvaredo da Cereja

Rua Patriota

Travessa

Rua Ba Baixo

Sogem

As Comunidades

Colina do Palácio

Propriedade Kaul

Distrito do Monumento

Palácio do Monumento

Casa de Salsabina

Planície Verde

Rua Ba Baixo

Yoyoyi

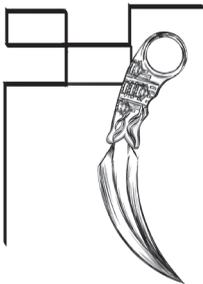


1 2 3 4 5 6 7

A B C D E

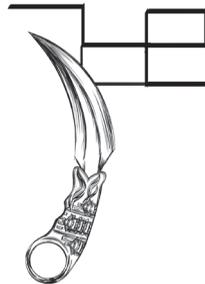


Apesar de todos os esforços para garantir a veracidade deste mapa na data de impressão, jurisdições territoriais estão sujeitas a mudanças. Aconselhamos viajantes a consultarem as autoridades locais para informações atuais.



CAPÍTULO 1

SORTE EM DOBRO



Os dois ladrões de jade amadores suavam na cozinha do restaurante Sorte em Dobro. No salão, as janelas estavam abertas e o cair da noite trazia consigo uma brisa costeira que deixava o estabelecimento fresquinho. Mas, ali na cozinha, havia apenas dois ventiladores de teto que rodavam e rodavam o dia inteiro e não adiantavam muita coisa. O verão mal tinha começado e a cidade de Janloon já estava tal qual um amante exausto de tanto fazer amor: pegajosa e com um agradável aroma adocicado.

Bero e Sampa tinham dezesseis anos e, depois de planejarem por três semanas, tinham decidido que aquela noite mudaria suas vidas. Bero vestia a calça escura dos garçons e uma camisa branca que grudava nas suas costas de um jeito desconfortável. Sua cara pálida e os lábios rachados estavam rígidos de tantos pensamentos guardados dentro da cabeça. Ele levou uma bandeja de copos sujos até a cozinha, limpou as mãos num pano de prato e se inclinou na direção de seu comparsa, que lavava a louça numa mangueira de alta pressão antes de colocar as peças no escorredor.

— Ele tá sozinho agora — disse Bero, com a voz baixa.

Sampa ergueu o olhar. Ele era um adolescente abukiano (tinha a pele negra, cabelos crespos e bochechas levemente rechonchudas que lhe davam um ar de querubim). O rapaz piscou rápido e então voltou sua atenção à pia.

— Meu turno termina em cinco minutos.

— Tem que ser agora, keke — disse Bero. — Me dá isso aí.

Sampa secou a mão na camisa e puxou um pequeno envelope de papel do bolso. Passou-o apressado para Bero, que o guardou embaixo do avental, pegou a bandeja vazia e saiu da cozinha.

No bar, pediu rum com pimenta, limão e gelo (a bebida favorita de Shon Judonrhu). Pegou o drink, soltou a bandeja e, de costas para o salão do restaurante, se inclinou sobre uma mesa perto da parede. Enquanto fingia limpar a mesa com a toalha, despejou no copo o conteúdo do envelope, que efervesceu e se dissolveu no líquido âmbar.

Bero ajustou a postura e se dirigiu a uma das mesas do bar que ficavam no canto do recinto. Shon Ju, com o corpanzil apertado numa cadeirinha, continuava sentado sozinho. Naquela mesma noite, Maik Kehn estivera ali

também, mas, para grande alívio de Bero, o homem tinha decidido voltar a se reunir com o irmão em um reservado do outro lado do salão. Bero colocou o copo em frente a Shon.

— Por conta da casa, Shon-jen.

Shon pegou a bebida e, mais pra lá do que pra cá, assentiu, mas sem erguer o olhar. Ele era um cliente assíduo do Sorte em Dobro, e bebia muito. O ponto careca no centro de sua cabeça estava rosado sob a luz do restaurante. Os olhos de Bero foram atraídos um pouco mais para baixo, para as três gemas verdes em sua orelha esquerda. Era irresistível.

Se afastou antes que o pegassem encarando. Era ridículo que um velho bêbado gordo daquele jeito fosse um Osso Verde. Claro, Shon tinha apenas uma jadezinha ali, mas, como ninguém o respeitava, mais cedo ou mais tarde alguém a roubaria, talvez até lhe ceifasse a vida no processo. *E por que esse alguém não pode ser eu?* Pensou Bero. Boa pergunta. Ele podia até não passar de um desgraçado que trabalhava nas docas, alguém que nunca teria educação militar na Escola do Templo Wie Lon ou na Academia Kaul Dushuron, mas pelo menos era kekonésio até o último fio de cabelo. Tinha colhões e aquele quê a mais necessário para se tornar alguém nessa vida. As jades tinham o poder de transformar qualquer um em alguém.

Ele passou pelos irmãos Maik, que estavam em um reservado com um terceiro jovem. Bero deu um sorrisinho amarelo só para poder prestar mais atenção nos três. Maik Kehn e Maik Tar (esses *sim* eram Ossos Verdes de verdade). Homens musculosos, com dedos cheios de anéis de jade e, presas na cintura, facas talon cujas empunhaduras eram engastadas com jade. Se vestiam bem: camisas escuras, jaquetas de alfaiataria amarelo-queimadas, sapatos pretos brilhantes e chapéus. Ambos eram membros notáveis do Clá do Desponta, que controlava a maior parte dos bairros deste lado da cidade. Um dos irmãos deu uma olhada na direção de Bero.

Bero se virou na mesma hora e se ocupou com a louça. A última coisa que queria hoje à noite era os irmãos Maik prestando atenção nele. Lutou contra o impulso de dar uma conferida na pequena pistola que tinha enfiado no bolso da calça e que ficava escondida pelo avental. Calma. Depois de hoje, nunca mais usaria esse uniforme de garçom. Nunca mais teria que servir ninguém.

Lá na cozinha, Sampa havia terminado o turno e estava de saída. O rapaz deu uma olhada questionadora para Bero, que assentiu. O serviço fora feito. Os dentinhos superiores de Sampa ficaram à vista e mordiscaram o lábio inferior.

— Acha mesmo que a gente consegue? — sussurrou.

Bero aproximou o rosto do parceiro e sussurrou:

— Relaxa, keke. A gente já tá conseguindo. Não dá mais pra voltar atrás. Você tem que fazer a sua parte!

— Eu sei, keke. Eu sei. E eu vou — assentiu, com um olhar magoado e amargo.

— Pensa na grana — sugeriu Bero, e lhe deu um empurrãozinho. — Agora vai.

Sampa deu uma última olhada nervosa para trás e então saiu pela porta da cozinha. Bero ficou observando-o e desejou pela milésima vez que não precisasse de um parceiro tão banana e tão insípido. Mas não adiantava ficar reclamando; apenas um abukiano nativo e puro-sangue, imune à jade, conseguiria pegar uma joia e sair de um restaurante lotado sem acabar se entregando.

Não tinha sido fácil convencer Sampa a participar do plano. Como muitos de sua aldeia, o garoto se arriscava nos finais de semana mergulhando no rio, atrás de pedras de jade que podiam ter escapado das minas distantes. Era perigoso. Quando ficava cheia devido à chuva, a corrente arrastava muitos mergulhadores azarados. E, mesmo se algum deles tivesse a sorte de encontrar alguma coisa (Sampa se gabava de ter encontrado uma do tamanho de um punho fechado certa vez), ainda havia a possibilidade de serem pegos. Se tivessem sorte, passavam um tempo na cadeia. Se não, no hospital.

Bero ficou insistindo para Sampa que essa estratégia nunca levaria a lugar algum. Qual o sentido de pescar jades brutas e vendê-las para os comerciantes do mercado clandestino que as lapidavam, traficavam para fora da ilha e ainda pagavam só uma pequena parte do que lucravam? Uma dupla de rapazes espertos e corajosos como eles podia ir muito mais além. Se fosse para traficar jades, disse Bero, que não fosse pouca coisa. Pedras já lapidadas, cortadas e esculpidas. Era aí que estava o dinheiro de verdade.

Bero voltou ao salão do restaurante e ficou limpando e arrumando mesas para se ocupar enquanto olhava para o relógio de cinco em cinco minutos. Podia muito bem passar a perna em Sampa depois, quando tivesse conseguido o que precisava.



— O Shon Ju falou que aconteceu alguma coisa em Sovaco — disse Maik Kehn, inclinado para conversar discretamente sob o acolchoado de barulho que preenchia o ambiente. — Um bando de pirralhos acabando com os negócios.

Seu irmão mais novo, Maik Tar, se aproximou do outro lado da mesa para pegar um bolinho de lula com os hashis.

— De que tipo de pirralhos estamos falando?

— Uns Dedos bem ralé. Um bando de jovens brigões que não deve ter mais de uma ou duas jades.

O terceiro homem na mesa estava carrancudo e pensativo de um jeito que não lhe era habitual.

— Até mesmo os Dedos da mais pura ralé são soldados do clã. Eles obedecem aos Punhos, e os Punhos aos Chifres. — O Distrito de Sovaco sempre fora um território disputado, mas ameaçar estabelecimentos filiados ao Clã do Desponta era algo ousado demais para ser obra de alguns bandidinhos inconsequentes. — Parece que tem alguém querendo sacanear a gente.

Os Maik olharam para ele, e depois um para o outro.

— O que é que tá acontecendo, Hilo-jen? — perguntou Kehn. — Você tá meio esquisito hoje.

— Tô?

Kaul Hiloshudon se recostou na parede do reservado, virou o copo da cerveja que estava ficando choca e limpou a espuma.

— Deve ser o calor.

Kehn gesticulou para um dos garçons; hora de mais uma rodada. O adolescente pálido manteve o olhar baixo enquanto os servia. Até deu uma olhada rápida para Hilo, mas aparentemente não o reconheceu. As poucas pessoas que não conheciam Kaul Hiloshudon pessoalmente não esperavam que ele aparentasse ser tão jovem. O Chifre do Clã do Desponta, que na hierarquia ficava atrás apenas do próprio irmão mais velho, quase sempre passava despercebido em público. Algumas vezes, isso irritava Hilo. Outras, porém, até que era bem útil.

— Outra coisa esquisita — disse Kehn, depois de o garçom sair. — Ninguém viu ou teve notícias do Gee Três-dedos.

— E como é que é possível perder o Gee Três-dedos de vista? — perguntou Tar, impressionado.

O ourives de jade do mercado clandestino era tão conhecido por seu tamanho quanto por sua deformidade.

— Quem sabe ele saiu do esquema.

Tar deu uma risadinha sarcástica.

— Só tem um jeito de sair do esquema de jade.

Uma voz falou bem próxima do ouvido de Hilo.

— Kaul-jen, como o senhor está nesta noite? Tudo do agrado do senhor?

Seu Une tinha aparecido ao lado da mesa e exibia o sorriso ansioso e solícito que sempre reservava para eles.

— Tudo excelente, como sempre — respondeu Hilo, com o rosto mais relaxado e exibindo seu típico sorriso de lado.

O dono do Sorte em Dobro apertou as duas mãos cheias de cicatrizes provenientes da cozinha, assentiu e sorriu, agradecido. Seu Une era um sujeito lá por volta dos sessenta anos, careca, corpulento e representava a terceira geração de sua família à frente dos negócios. Seu avô fundara o respeitável estabelecimento e seu pai mantivera tudo funcionando, tanto durante a guerra quanto depois. Assim como seus antecessores, Seu Une era um fiel Lanterna do Clá do Desponta. Sempre que Hilo aparecia, ele vinha pessoalmente prestar respeito.

— Por favor, me avise caso haja mais alguma coisa que eu possa trazer para o senhor — insistiu.

Depois de Seu Une, agora mais tranquilo, ter saído, Hilo voltou a ficar sério.

— Faça mais perguntas por aí. Descubra o que aconteceu com o Gee.

— E por que a gente liga pro Gee? — perguntou Kehn, não de forma impertinente, apenas por curiosidade. — Já foi tarde. Menos um ourives passando nossas jades pra fracotes e estrangeiros.

— É que acho estranho, só isso. — Hilo se inclinou para frente e pegou o último bolinho de lula. — Não dá pra esperar nada de bom quando os cachorros começam a sumir das ruas.



Bero estava começando a pirar. Shon Ju já tinha quase secado o drink batizado. Era pra droga não ter gosto e nem cheiro, mas e se Shon, com os sentidos mais aguçados de um Osso Verde, conseguiu detectá-la de alguma forma? E se não funcionasse e o homem fosse embora e levasse a jade para longe do alcance de Bero? E se Sampa tivesse perdido a coragem? A colher nas mãos de Bero tremia quando ele a colocou sobre a mesa. *Relaxa. Seja homem.*

Um fonógrafo no canto arquejava uma ópera romântica e lenta, mas mal dava para ouvi-la com toda a conversa incessante das pessoas. Fumaça de cigarro e aromas de temperos se agarravam, lânguidos, às toalhas vermelhas das mesas.

Shon Ju se levantou rápido. Cambaleou até a porta traseira do restaurante e empurrou a porta do banheiro masculino.

Devagar e em silêncio, Bero contou até dez, se desfez da bandeja e o seguiu casualmente. Quando entrou no banheiro, colocou a mão no bolso e a fechou ao redor da coronha da pequena pistola. Trancou a porta e se posicionou contra a parede.

De uma das cabines, veio o som de um vômito contínuo e Bero quase engasgou com a catíngua nauseabunda da golfada repleta de álcool. A descarga foi acionada e os barulhos pararam. Houve uma batida abafada, como o ruído de algo pesado caindo no chão de azulejos e, então, um silêncio ensurdecedor. Bero deu vários passos para frente. O coração retumbava em seus ouvidos. Ele ergueu a arma na altura do peito.

A porta da cabine se abriu. O corpanzil de Shon Ju estava caído lá dentro com todos os membros espalhados. O peito do homem subia e descia enquanto emitia roncos suaves. Uma linha fina de baba escorria do canto de sua boca.

Sapatos de tecido sujos se mexeram em uma cabine mais distante e Sampa ergueu a cabeça de onde estava deitado esperando. Ele arregalou os olhos quando viu a pistola, mas mesmo assim se esgueirou até Bero para encarar o homem inconsciente.

Putá merda. Funcionou.

— Tá esperando o quê? — Bero gesticulou com a arma na direção de Shon. — Vai! Pega!

Hesitante, Sampa se espremeu pela porta meio aberta da cabine. A cabeça de Shon Ju pendia para a esquerda, então o brinco cravejado de jade estava pressionado na parede do cubículo. Com a expressão temerosa de alguém prestes a tocar num fio de eletricidade, o garoto posicionou as mãos dos dois lados da cabeça de Shon e parou. O homem não se mexeu. Sampa virou a cabeça caída do sujeito para o outro lado. Com os dedos tremendo, ele pegou o primeiro brinco de jade e tentou tirar a tarraxa.

— Aqui, ó. Usa isso aqui.

Bero entregou um pacote de papel vazio. Sampa jogou a joia ali e foi remover o segundo brinco. Os olhos de Bero dançavam entre a jade, Shon Ju, a arma, Sampa e, mais uma vez, a jade. Ele deu mais um passo para a frente e deixou o cano da pistola a poucos centímetros da cabeça do homem desfalecido. A arma parecia tão compacta e ineficaz que chegava a ser angustiante. Era uma arma de um homem do povo. Mas não fazia diferença. Shon Ju não conseguiria usar o Aço e nem a Deflação nesse estado. Sampa pegaria a jade e sairia pela porta dos fundos completamente desavisado. Bero terminaria seu turno e se encontraria com ele depois. Ninguém incomodaria o velho Shon Ju por horas; não era a primeira vez que o sujeito desmaiava bêbado em um banheiro.

— Anda de uma vez — disse Bero.

Sampa tinha tirado duas das jades e estava pegando a terceira. Seus dedos cavoucavam as reentrâncias da orelha carnuda da vítima.

— Este aqui não sai.

— Então puxa, só puxa!

Sampa deu um último e teimoso puxão. A joia foi arrancada da carne que crescera ao redor. Shon Ju se mexeu e abriu os olhos.

— Merda! — exclamou Sampa.

Com um berro estrondoso, Shon ergueu os braços, agitou-os ao redor da cabeça e bateu com tudo na mão de Bero bem quando ele apertou o gatilho. O tiro não acertou ninguém, mas foi longe e acabou atingindo o gesso no teto.

Sampa foi se afastar e, quando se virou para a porta da cabine, quase tropeçou em Shon que, por sua vez, agarrou uma de suas pernas. Desorientado, os olhos do homem se reviravam de raiva. Sampa caiu e estendeu as mãos para aparar o tombo. O envelope de papel se soltou, deslizou pelo chão e parou no meio das pernas de Bero.

— Pega ladrão!

A boca de Shon Ju formou as palavras em um rosnado, mas Bero não ouviu nada. Sua cabeça estava emudecida por causa do tiro e era como se tudo estivesse acontecendo numa câmara à prova de som. Ele encarou quando o Osso Verde com o rosto todo vermelho alcançou o garoto abukiano como um demônio rastejante saído de um abismo.

Bero se agachou, pegou o envelope amassado e correu para a porta.

Só que esqueceu que a tinha trancado. Por um segundo, ficou empurrando e empurrando como um idiota em pânico, antes de virar o trinco e sair correndo. Os fregueses do restaurante tinham ouvido o tiro, então dezenas de rostos assustados estavam virados para ele. Bero teve a esperteza necessária para esconder a arma no bolso, apontar para o banheiro e gritar:

— Tem um ladrão de jade lá dentro!

E, então, atravessou o salão e foi desviando de mesas enquanto as duas pedrinhas escavavam o papel e pressionavam a palma de sua mão fechada com força. As pessoas, cujos rostos pareciam um borrão enquanto ele corria, abriam caminho. Bero derrubou uma cadeira, caiu, se levantou e continuou correndo.

Seu rosto queimava. De repente, uma onda de calor e energia diferente de tudo o que já sentira na vida o invadiu como uma corrente elétrica. Ele chegou à larga escada curvada que levava ao segundo andar, onde os clientes tinham levantado e olhavam pela sacada para ver que bafafá era aquele. A mil por hora, Bero subiu os degraus em poucos segundos. Seus pés mal tocaram o chão. A multidão ficou chocada. A surpresa de Bero se transformou em euforia. Ele olhou para cima e deu uma risada. Só podia ser Leveza.

Uma película fora erguida de seus olhos e ouvidos. O arranhar dos pés da cadeira, o prato que se chocou no chão, o gosto do ar na língua — tudo parecia muito mais nítido. Alguém tentou agarrá-lo, mas Bero era muito rápido. Ele mudou de direção, pulou de cima de uma mesa, espalhou pratos e provocou gritos. Havia uma porta telada à frente que abria passagem para um pátio com vista para o porto. Sem nem pensar e sem parar, ele atravessou a barreira como um touro ensandecido. Os entalhes vazados de madeira se despedaçaram e Bero passou tropeçando pelo buraco do tamanho de um corpo que tinha feito enquanto dava um grito em comemoração. Não sentia dor nenhuma, apenas uma sensação selvagem e feroz de invencibilidade.

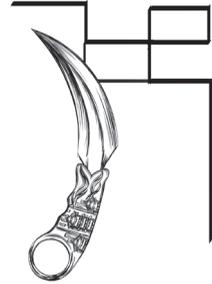
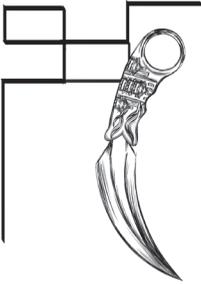
Era o poder da jade.

O ar da noite o atingiu com tudo e fez sua pele formigar. Lá embaixo, a extensão brilhante de água o convocava de um jeito irresistível. Ondas de um delicioso calor pareciam percorrer as veias de Bero. O oceano parecia tão agradável, tão refrescante. Seria tão bom. Ele voou até o parapeito do pátio.

Mãos o agarraram pelo ombro e o fizeram parar abruptamente. Bero foi puxado para trás como se tivesse atingido o fim de uma corrente, se virou para trás e deu de cara com Maik Tar.

CAPÍTULO 2

O CHIFRE DO DESPONTA



O tiro abafado veio do outro lado do salão do restaurante. Um segundo ou dois depois, Hilo sentiu: o inesperado retinir na cabeça causado por uma jade com a aura descontrolada, tão estridente quanto um garfo raspando em vidro. Kehn e Tar se viraram nas cadeiras quando o garçom adolescente saiu correndo do banheiro e se dirigiu até a escada.

— Tar — disse Hilo, mas nem havia necessidade: os dois Maik já estavam em ação.

Kehn entrou no banheiro e Tar pulou até a escada, pegou o ladrão no pátio e o arremessou de volta pela porta de tela quebrada. Um espanto coletivo e vários gritos vieram do restaurante quando o garoto voou de volta para dentro, bateu no chão e derrapou no topo da escada.

Tar entrou no estabelecimento logo em seguida e se abaixou para tirar os escombros do caminho. Antes que o jovem conseguisse se levantar, Tar agarrou-lhe a cabeça e a forçou contra o chão. O ladrão tentou pegar a arma, uma pequena pistola, mas Tar a arrancou dele e a jogou pela porta quebrada, em direção ao porto. O garoto soltou um grito abafado contra o carpete quando o joelho do Osso Verde pressionou seu antebraço e o envelope de papel foi arrancado de sua mão, que já estava até branca de tanta força que fazia para segurá-lo. Tudo aconteceu tão rápido que a maioria do povo lá de dentro nem viu.

Tar se levantou enquanto o adolescente no chão tinha espasmos e gemia conforme a energia perturbadora da jade era arrancada de seu corpo, levando consigo o zumbido raivoso no crânio de Hilo. O Maik mais jovem puxou o ladrão para cima pela camisa de garçom e o arrastou pela escada até o térreo. Os clientes animados que tinham levantado das mesas abriram espaço em silêncio. Kehn saiu do banheiro puxando um jovem e choramingante garoto abukiano pelo braço. Ele fez o moço ficar de joelhos e Tar colocou o ladrão ao lado.

Shon Judonrhu saiu cambaleando depois de Kehn e foi usando as cadeiras para se equilibrar enquanto andava. Parecia que não tinha muita certeza de que lugar era aquele nem de como havia chegado ali, mas estava

lúcido o bastante para sentir raiva. Seus olhos desfocados estavam arregalados para fora e, com uma mão, o homem cobria a orelha.

— Ladrões — disse ele com palavras arrastadas. Shon pegou o punho da faca talon embainhada num coldre de ombro sob a jaqueta. — Vou estripar os dois.

Seu Une se aproximou correndo e balançando os braços em protesto.

— Shon-jen, eu imploro, por favor não faça isso *no restaurante!* — As mãos do senhorzinho estendidas à frente tremiam e seu rosto papudo estava pálido de incredulidade. Já era terrível o bastante que o Sorte em Dobro tivesse passado por tamanha humilhação e que a cozinha do restaurante tivesse abrigado ladrões de jade, mas se os dois garotos fossem publicamente estripados bem ao lado do bufê de sobremesas... nenhum negócio sobreviveria a tamanho azar. O dono do estabelecimento olhou, temeroso, para a arma de Shon Ju, em seguida para os irmãos Maik e para os clientes paralisados ao redor e conseguiu dizer: — É uma afronta pavorosa, mas, senhores, *por favor...*

— Seu Une! — Hilo se levantou da mesa. — Não sabia que o senhor tinha incluído entretenimento ao vivo.

Todos os olhos encararam Hilo enquanto ele atravessava o salão. Ele sentiu uma onda de compreensão invadir a multidão. Os clientes mais próximos perceberam o que Bero, quando o avaliou superficialmente, não tinha notado: embaixo da jaqueta esportiva cinza-clara e dos dois primeiros botões desabotoados da camisa azul-bebê de Kaul Hilo, havia uma longa fileira de pequenas jades encrustadas na pele de sua clavícula como um colar fundido na carne.

Seu Une se aproximou correndo e caminhou ao lado de Hilo enquanto torcia as mãos.

— Kaul-jen, não tenho como sentir mais vergonha por sua noite ter sido perturbada. Não sei como esses dois ladrõezinhos que não têm onde caírem mortos entraram na minha cozinha. Há algo que eu possa fazer para compensar? Qualquer coisa. Toda a comida e bebida que o senhor possa querer, é claro...

— Essas coisas acontecem. — Hilo ofereceu um sorriso pacificador, mas o proprietário não se acalmou. Inclusive, parecia até mais nervoso enquanto assentia e enxugava o suor da testa. — Guarda essa faca talon, tio Ju. Seu Une já tem muito o que limpar, não tem necessidade de sujar o carpete com sangue. E tenho certeza de que toda essa gente que pagou por um belo jantar não quer ficar sem apetite.

Shon Ju hesitou. Hilo o chamara de *tio* e demonstrara respeito apesar da clara humilhação pública pela qual passara. Mas isso, pelo visto, não era o

bastante para acalmá-lo. Ele deu uma investida com a lâmina na direção de Bero e de Sampa.

— São ladrões de jade! Tenho direito às vidas deles e ninguém pode me negar!

Hilo estendeu o braço para Tar, que lhe passou o envelope de papel. Ele pegou as duas pedras na palma da mão. Kehn segurava o terceiro brinco. Pensativo, Hilo ficou rolando as três gemas verdes na mão e encarou Shon com um olhar de reprovação.

A raiva sumiu do rosto de Shon Ju e foi substituída por receio. Ele olhou para as jades amontoadas na mão de outro homem e desbocando seu poder por Kaul Hilo em vez de nele mesmo. Shon sossegou. Ninguém mais falou. O silêncio imperou de repente.

Shon pigarreou com força.

— Kaul-jen, não foi minha intenção ser desrespeitoso à sua posição como Chifre. — Desta vez, ele falou com a deferência que dedicaria a um homem mais velho. — É claro que sou obediente às escolhas do clã quanto a todas as decisões referentes à justiça.

Sorrindo, Hilo pegou a mão de Shon e passou-lhe as três joias. Ele fechou os dedos do homem ao redor das pedras com gentileza.

— Então nenhum dano sério foi causado. Até gosto de quando o Kehn e o Tar têm um motivo para ficar em alerta. — Ele deu uma piscadela para os dois irmãos como se tivesse contado uma piada num pátio de escola, mas quando voltou a encarar Shon Ju seu rosto estava vazio de qualquer humor. — Quem sabe, Tio, seja hora de beber um pouco menos e prestar mais atenção nas suas jades.

Shon Ju apertou as pedras devolvidas e as aproximou do peito num espasmo aliviado. Seu pescoço grosso estava vermelho de indignação, porém não disse mais nada. Mesmo com a mente turva e meio drogado, não era idiota. Entendeu que recebera um aviso. E, depois desse lamentável lapso, continuava sendo um Osso Verde apenas por consideração de Kaul Hilo. Se afastou com uma reverência acovardada.

Hilo se virou e agitou os braços para a plateia transfixada.

— Acabou o show, minha gente. Hoje o entretenimento foi por conta da casa. Vamos pedir mais da deliciosa comida do Seu Une e outra rodada de bebida!

Um murmúrio de risada nervosa atravessou o salão conforme as pessoas iam obedecendo e voltavam para suas mesas e companhias, embora continuassem dando olhadas furtivas para Kaul Hilo, os Maik e os dois adolescentes arrependidos no chão. Não era muito usual que cidadãos comuns e sem jade testemunhassem tamanha demonstração das habilidades